

REUNIÃO DA CÂMARA TEMÁTICA DE BICICLETA

Data: 01/04/2025

Horário: 10h00

Participantes

Adail – DPM/CET

Aline Pellegrini Matheus – Conselheiro CTB

Allan - ABRACICLO

Álvaro - SMT/AT

Ana

Anderson Augusto "Ciclonauta Urbano"

Antonio Madeira - SMT/AT

Caio Vinicius – DPM/CET

Cássio Alves – DPM/CET

Dandara Almeida - Diretora do Centro Cultural São Paulo

Daniel Ingo – DPM/CET

Daniela (CET)

Dawton Roberto Batista Gaia - SMT/AT

Fábio Moraes

Fabio Saraiva – Imprensa/SMT

Felipe Lara Vogel - SMT/AT

Fellipe – Conselheiro CTB

Fernando - SMT/AT

George Queiroz – Conselheiro CMTT

Jackeline Morena de Oliveira Melo - SMT/AT

JORGEOLOGIST JPS

Julio Cesar Angelo Martinelli - SMT/AT

Lea Lopes - SMT/AT

Lucian – Conselheiro CTB

Marcelly - SMT/AT

Marcos - SMT/AT

Marcus Buelloni – DPM/CET

Michele Perea Cavinato - SMT/AT

Paula

Paulo

Paulo Henrique - SMT/AT

Ramon Soares Cardoso da Silva

Raquel – DPM/CET

Renan Villarta – Conselheiro CMTT

Rodrigo Dias Paes Landim - SMT/AT

Rubens – GMC/CET

Sara Raquel Miranda de Araujo - SMT/AT
Sérgio Amaral – GMC/CET
Silas Batista
Silvana da Silva Pinto
Ricardo Pradas - SMT/AT
Tatyana Costa – SME/CET
Thomas Wang - Bike Zona Sul – Conselheiro CTB
Victor Barreto
Vitor
Welton – DPM/CET
Yang - SPTrans
Zé Bike – Conselheiro CTB
Zilah – Conselheiro CTB

Pautas

1. Esclarecimento sobre o encerramento do convênio entre o CCSP e a Oficina Mão na Roda – Convite à Secretaria Municipal de Cultura para apresentar as razões do encerramento e possíveis alternativas. (Responsável: Dandara Almeida – Diretora do Centro Cultural São Paulo)
2. Situação da licitação cancelada para novas estruturas cicloviárias – Atualização sobre os motivos do cancelamento e os próximos passos previstos. (Responsável: Ricardo Pradas – SMT/AT)
3. Atualização sobre o programa BikeSP – Informações sobre avanços, desafios e cronograma de implementação. (Responsável: Dawton – SMT/AT)
4. Processo para requalificação de ciclofaixas – Discussão sobre critérios e diretrizes para mudança de tipologia de ciclofaixas; convite à SMSUB para esclarecimentos. (Responsável: Dawton – SMT/AT)
5. Expansão dos sistemas de compartilhamento de bicicletas – Atualização sobre a implementação prevista no PlanMob, desafios e cronograma. (Responsável: Dawton – SMT/AT)

00:00:01 Dawton Roberto Batista Gaia: Bom dia a todos. Muito obrigado pela presença, especialmente hoje, da Secretaria da Cultura, que fará uma apresentação. A Dandara, que é diretora do Centro Cultural, nossa convidada aqui para fazer essa primeira pauta. Hoje, nós vamos ter cinco pautas. Eu não vou nem ficar descrevendo todas as pautas, eu vou passar direto a palavra à Dandara para a gente já fazer a apresentação delas. Eu queria começar agradecendo ao Centro Cultural, à Dandara, ao grupo que está presente aqui na nossa reunião. Se possível, Dandara, vou fazer uma pequena apresentação, só no início, antes de fazer a apresentação, e pode prosseguir. Eu já vou te passar a palavra direto e muito obrigado mais uma vez pela presença de todos vocês aqui.

00:01:10 Michele Perea Cavinato: Dawton, até complementando, os conselheiros pediram esclarecimento sobre o encerramento do convênio. E a Dandara, o Ramon, a Silvana vieram para falar

um pouquinho sobre esse convênio.

00:01:27 Dawton Roberto Batista Gaia: Muito bem. Então é isso. Bom dia, a palavra é sua, Dandara.

00:01:35 Dandara Almeida: Bom dia. Meu nome é Dandara. Sou diretora do Centro Cultural de São Paulo há nove meses. Eu sou convidada pela Michele. Michele, muito obrigada pelo convite. É interessante falarmos sobre esse assunto, porque acho que está tendo uma falta de comunicação ou a informação está um pouco truncada. O Ramon, que é o supervisor da Ação Cultural, que lida direto com o programa. O Paulo Rodrigues, que é um parceiro nosso no Centro Cultural, acompanha as nossas atividades, nossos trabalhos. É um grande apoio no Centro Cultural. A Silvana, que é do Núcleo de Gestão. Muito obrigada, Silvana, que também lida diretamente com as parcerias e com as questões do Centro Cultural. Eu, primeiro, vou pedir para o Ramon, vou passar a palavra para o Ramon e explicar um pouco como surgiu a parceria, porque, quando a parceria surgiu, eu não estava no Centro Cultural como diretora. Estou acompanhando, mas conheço todo o processo, mas o Ramon tem um pouco mais de informação em relação à parceria. Se o Ramon não se importa, eu gostaria de pedir para ele falar um pouquinho.

00:03:11 Ramon Soares Cardoso da Silva: Com certeza. Muito obrigado. Obrigado, Dandara. Bom, seguindo o pragmatismo, basicamente, essa é uma parceria que existe junto ao CCSP desde 2010, embora oficialmente, em processo, ela só exista a partir de 2016. O primeiro processo que diz sobre essa parceria, ele surge em 2016, na carta proposta necessária para abrir a parceria, é que aparece esse tempo anterior, esse tempo pregresso, esse período. A parceria, desde o início, ela tinha essa vocação de ser um serviço de atendimento ao público, sobretudo nesse serviço da oficina do Mão na Roda, portanto, desse serviço de atendimento ao público nesses reparos e consertos de bicicletas. Além disso, com algumas outras atividades complementares, como rodas de conversa, debates, além de ter um espaço que servisse para os encontros de articulação interna do próprio Mão na Roda. O Mão na Roda, desde o início, é representado pela Associação Ciclocidade, desde esse primeiro processo de 2016, anterior a 2016, a gente não sabe dizer, porque não tem uma parceria formalizada, então, creio que tenha sido algo diretamente com o Mão na Roda, mas, em processo, sempre foi uma parceria em que o Mão na Roda foi representado pela Ciclocidade. Essa parceria é renovada várias vezes, até que chega a pandemia. Durante a pandemia, por uma questão de organização de fluxo, quase todas as parcerias foram, digamos, descontinuadas, descontinuadas porque não havia espaço para a gente poder renovar. Não tinha como a gente renovar uma atividade de um espaço que não estava aberto. O Centro Cultural São Paulo, desde o começo da pandemia, respeitou rigorosamente todos os protocolos, e, em função disso, o Centro Cultural São Paulo foi um dos equipamentos que fechou primeiro e foi um dos primeiros que abriu, conseqüentemente. Quando nós reabrimos, nós fomos, então, atrás de poder atualizar essas parcerias e renovar as parcerias. O parecer que a gente teve, a devolutiva, não por parte dos coletivos e das instituições com que nós temos parcerias, mas por parte da institucionalidade, da secretaria, era de que nós não poderíamos simplesmente renovar as parcerias, mas nós teríamos que reiniciá-las porque havia passado um hiato muito longo. Foram quase dois anos interrompidos. Nós reiniciamos esse processo de parceria. Nesse novo processo, houve algumas manifestações do jurídico e uma delas foi no sentido de entender que a Secretaria de Cultura não tem a mesma natureza, ou melhor, que não é da natureza da Secretaria de Cultura acolher

esse tipo de iniciativa. Desde então, nós temos feito uma série de tentativas de construir propostas que pudessem contra-argumentar esse posicionamento. Mas, no sentido formal, essa parceria não está formalizada desde a pandemia. A última parceria processualmente acabou em 2022 e, desde então, não houve uma reformulação dessa parceria. Isso em aspectos burocráticos. Não é algo que acontece no CCSP resumindo. Desde 2010, de 2010 a 2016, foi uma parceria mais informal de 2016 até 2021, um pouquinho do 2022, é uma parceria formalizada com uma série de renovações e, quando tem essa última, já não é possível mais fazer renovação pela questão do hiato do período pandêmico. Então, desde então, o que nós temos é novamente uma parceria que é num nível mais informal com essa tentativa de ser formalizada. No aspecto relacional, nunca houve uma dificuldade entre, melhor, no diálogo entre CCSP e o coletivo especificamente. No sentido da organização interna, o que eu posso dizer é que sempre foi a Ação Cultural a responsável por cuidar dessa parceria. A Ação Cultural é um setor que existe no CCSP desde 2008. Eu assumo a Ação Cultural só em 2022, então é muito mais recente. Perdão, em 2021. Mas é uma parceria que sempre esteve aos cuidados da Supervisão de Ação Cultural. Em resumo, bem resumidamente, é isso. Dandara, se você quiser que eu apresente mais alguma informação, eu estou disponível aqui.

00:08:26 Dandara Almeida: Não, essa seria a formalidade sobre o burocrático. Agora, eu vou falar um pouco sobre o que está acontecendo em relação a gente falar com Mão na Roda sobre as mudanças do espaço e do local por conta de algumas questões de estrutura, questões de que a gente está numa reforma, o espaço, a gente está numa reforma, o espaço está num lugar que está, a Zilah pode falar melhor, porque ele está num local onde é a saída de emergência. A princípio, a gente tinha conversado com eles sobre diminuir, diminuir o espaço e liberar a escada de emergência para poder seguir com o projeto. A gente precisa, porque a escada, na verdade, tem uma escada de emergência, a saída de funcionários. Eles estão com mão na roda, a oficina fica nessa saída, bloqueando essa saída. A conversa seria conseguir uma outra alternativa de liberar essa escada e, nessa conversa, agora que a gente retomou a conversa sobre a parceria, não era de desfazer a parceria, nem tirar a Mão na Roda do Centro Cultural, e seria só uma questão mesmo do prédio, uma questão de a gente conseguir alinhar junto à reforma. A Zilah está aqui, porque ela vai explicar melhor, porque a gente estava aguardando essa mudança, essa liberação, para colocar o guarda-corpo. Um tanque que foi instalado lá e ele estava com vazamento. A gente chamou essa conversa após a reforma, porque foi liberado o espaço. A Mão na Roda fica na entrada da rampa do metrô. Após a reforma, a gente precisava fazer essas alterações, cuidar do vazamento, porque tinha um tanque que estava com vazamento vazando, inclusive na mesa do Ramon, não é, Ramon? Na sua mesa, que estava o vazamento da água, tinha muito material, tem um bloqueio da saída de emergência de funcionários no Centro Cultural. Eu procurei um outro espaço dentro do Centro Cultural junto à produção, andamos pelo Centro Cultural, oferecemos diminuir o espaço para liberar a escada. Tem toda essa conversa, não necessariamente tirar a Mão na Roda, desocupar, porque está rompendo uma parceria. Essa reunião é muito interessante, porque não está tirando a Mão na Roda, não está desocupando a Mão na Roda. As questões do Centro Cultural com a mão na roda são questões que estamos passando agora por estrutura, está passando por uma reforma, estava com o vazamento, ainda foi necessário tirar o tanque, está obstruindo a saída de emergência. Era mais por essas questões mesmo, não é porque está rompendo uma parceria, somente porque estamos rompendo uma parceria. Onde a saída de emergência do mão na roda, a gente tem quase 100 funcionários. A escada está bloqueada, nós

colocamos essa conversa para diminuir o espaço, para desbloquear a escada, para tentar uma nova parceria, mas esse diálogo eu não sei em que momento que essa conversa não chegou, entendeu? Porque o que foi divulgado é que nós estamos rompendo uma parceria a esmo, e não é isso. Nós estamos com uma reforma no Centro Cultural, nós precisamos liberar uma passagem que o mão na roda está na frente dessa passagem, que é a saída de emergência. A Zilah arquiteta está aqui, ela pode explicar melhor, porque a gente precisa instalar guarda-corpo, a gente precisa cuidar da acessibilidade do Centro Cultural e está num local onde a gente precisa realocar, entender e melhorar. Até falei ontem com a Michele, eu acho que eu tenho bicicleta, vou falar desde, eu tenho bicicleta, eu sou ciclista, não é sobre isso, não é sobre as pessoas que estão aqui comigo, eu vou trabalhar de bicicleta, nós chegamos lá, não quero bicicleta aqui, vamos tirar a oficina, não é isso que está acontecendo. Nós estamos com uma responsabilidade com o Centro Cultural São Paulo de liberar uma passagem que é uma saída de emergência, liberar uma escada, conversando com as pessoas envolvidas com o mão na roda, para a gente arrumar uma alternativa para seguir ou seguir com o projeto ou a gente pensar numa outra alternativa sem prejudicar. Na verdade, é isso. Mas precisamos cuidar do patrimônio, que estava acontecendo uma infiltração, tem uma saída de emergência, nós temos muitos funcionários, e aí esse diálogo chegou diferente até para outros veículos de comunicação, mas esse é o nosso objetivo, é só liberar essa passagem, diminuir o espaço do mão na roda, estruturar melhor. Essa, a princípio, era a primeira conversa. A Zilah pode falar melhor sobre isso?

00:14:49 Zilah: A minha parte é viabilizar o uso do espaço. Fizemos o *layout*, fizemos uma adaptação para não cair ferramentas embaixo, porque embaixo tem uma administração, tem pessoas ocupando o espaço de baixo. Fizemos uma tela temporária para isso. Ao longo do tempo, a gente não consegue lavar os utensílios, as coisas, então tivemos que instalar um tanque. A passagem da saída de emergência passou a ser usada, mas com uma condição, que logo que pudéssemos fazer as obras de adaptação, teríamos que liberar isso. Isso desde o início, eles sabem que ali é uma passagem de uma saída de emergência, desde o início. O projeto define duas saídas de emergência aqui embaixo, uma de um dos lados e outra desse lado, que é a da Mão na Roda, que está muito ocupada embaixo pelo pessoal, administração, núcleo de gestão, curadorias, supervisão de acervos, DIC e contabilidade, que faz a contabilidade de toda a secretaria. A gente agora fez uma reforma, a gente foi feito com uma concretagem externa, então foi necessário fechar temporariamente por isso. Então, a minha parte é a parte arquitetônica, a parte física do trabalho. Agora, a gente precisa liberar essa área, justamente porque nós estamos com muita gente aqui embaixo, a saída de emergência do outro lado não é suficiente para o pessoal, tem uma norma para o pessoal caminhar até a outra saída, e a gente vai ter que liberar essa saída fazendo adaptação, né, e adaptação, quer dizer, o que é possível é fazer uma divisória de vidro e fazer, instalar uma nova porta para a gente poder manter o mão na roda no local. Tanque, complicado, a gente não tem como instalar novamente um tanque. A minha parte é essa parte física de viabilidade. Ao mesmo tempo, a gente cuida também das saídas de emergência, o abandono de área, que agora, nesse momento, é bem precária e dificultada pelo uso do espaço. Mas, toda vez que o pessoal queria renovar parcerias, perguntavam para mim “ah, podemos renovar mais um tempo? Ah, pode renovar mais um tempo, porque a gente ainda vai instalar escada, ainda vai fazer reforma na parte externa, então podemos chegar a mais um, atualizar essa parceria”. Porém, agora, a gente precisa liberar essa saída de emergência. É uma necessidade, não é uma coisa que a gente possa pensar “ah, talvez, não, a gente precisa fazer isso”. Então, basicamente, é isso. A gente tem a

dificuldade do tanque, que não tem como instalar novamente.

00:18:11 Dandara Almeida: Inclusive, só reportando, isso foi proposto para eles sobre um outro local, desde o começo, diminuir o espaço. Só que eu andei pelo Centro Cultural, procurei um outro espaço, tentei realocar, como eu conversei ontem, acho que via telefone, acho que não via telefone com a Michele, a gente tem um acervo, tem um laboratório, tem uma reserva, tem um subsolo. Eu até convido todos que estão aqui na reunião para ir conhecer, para caminhar, para ver como que, de fato, como que está sendo, a gente está trabalhando no Centro Cultural, a reforma em relação às pessoas que trabalham embaixo da escada. Assim, vocês podem ir ao Centro Cultural, podem me procurar, a gente mostra para vocês como funciona. Eu andei no almoxarifado, procurei um espaço, pelo menos, por enquanto, para guardar os equipamentos, porque o Mão na Roda funciona de quarta-feira à noite. Assim, um dia, vamos guardar os equipamentos maiores, diminuir o espaço, só que a gente não tem a menor condição agora, porque primeiro, guardar até tudo bem, mas de reabrir o Mão na Roda naquele espaço, porque o espaço, a gente precisa dele para passar, para estar de emergência. Eu acho que não é sobre isso. Como que eu explico? Porque a gente não está tirando porque não tem uma parceria, porque não tem nada a ver com cultura, porque é do Mão na Roda. É uma necessidade por conta de uma reforma, porque precisa ter uma saída de emergência, tem mais de 150 funcionários embaixo da escada. E assim, eu procurei outras alternativas e, infelizmente, eu não consegui achar um outro espaço para realocá-los da forma como eles estão. Eu pedi para o Ramon entrar em contato, porque o Ramon cuida da Ação Cultural, para a gente poder esclarecer esse fato. É isso, gente. Na verdade, para conhecer melhor o que está acontecendo no Centro Cultural, primeiro que a gente tem fotos. Eu pedi até para o Ramon. Não sei se dá para colocar a foto, como que está a escada e tudo, porque a gente tem foto, não é, Ramon? Como que está? Pedi para reconhecer o espaço. A gente está aberto para ver. A gente pode conversar sobre uma solução de resolver esse problema, por conta do espaço mesmo.

00:21:10 Dawton Roberto Batista Gaia: O George está querendo falar aqui, mas antes dele falar, eu entendi, acho que todos aqui que estão na reunião entenderam da dificuldade que vocês têm nesse momento por conta de uma reforma que está ocorrendo. Eu acharia muito importante se pudéssemos marcar, até com você e com o seu grupo e com a sua equipe, com o grupo de ciclistas. Eu diria que está ponderando essa demanda, vai estar procurando essa demanda. Se pudéssemos marcar uma reunião para a gente fazer uma vistoria, um conjunto, a ideia é a busca de uma solução definitiva. Eu sei que vocês estão passando por essa reforma e eu sei da dificuldade, eu entendi a dificuldade, mas tentar achar uma solução onde, mesmo com a reforma que está ocorrendo, você possa fazer alguma adaptação. Eu não sei se você vai querer passar as fotos, acho que até daria para passar, mas tem duas pessoas inscritas aqui, tem o George e o Thomas que se inscreveram agora, acho que temos uma chamada agora.

00:22:16 Ramon Soares Cardoso da Silva: Eu estou tentando descobrir um jeito de fazer isso aqui pelo celular, de passar as fotos, espera. De qualquer maneira, eu acho endosso absolutamente essa possibilidade de as pessoas poderem visitar e da gente poder ver isso *in loco*. Isso é fundamental. Seria ótimo, seria ótimo. Acho que a visita também pode fazer com que as pessoas mostrem essa percepção do espaço. Embora as pessoas sejam muito acostumadas a circular, a experiência do

espaço sempre vai variar de acordo com o lugar que você circula ali dentro. As pessoas que só circulam dentro da oficina não conseguem ter a dimensão do que é essa ocupação em outros níveis. É importante reforçar isso que a Zilah falou. Eu acho que, por cima, devem ter mais de 100 pessoas trabalhando só daquele lado. É importante essa visita para as pessoas entenderem que esses outros fluxos, essas outras perspectivas de uso e de circulação do espaço, para entenderem essas complicações todas. E acho que, em suma, é isso. Estou tentando descobrir um jeito de pôr a foto aqui, absolutamente essa possibilidade de uma visita.

00:23:47 Dandara Almeida: O Paulo está aí? O Paulo acompanha desde o começo também? Cadê o Paulo? Eu gostaria que o Paulo falasse um pouquinho sobre. Ele também está nas iniciativas comigo. Cadê o Paulo?

00:24:03 Paulo: Estou por aqui, estou ouvindo, não quero passar na frente de ninguém. Acabei não levantando a mão, estava prestando atenção nos depoimentos. Ontem, inclusive, a gente recebeu, eu, o Calabria, que é da parte de transporte lá do gabinete, mais a Raquel, que é ciclista também, uma parte da equipe do Mão na Roda, o Victor, o Miguel. A gente também escutou, por quase duas horas, o depoimento deles, de como estava a situação no Mão na Roda. O depoimento foi o seguinte. Além de tudo, o Mão na Roda tem uma atividade muito pontual, acho que às quartas-feiras e aos domingos. Então, isso também gera um espaço que é subutilizado no centro cultural. Essa foi uma das questões de se colocar nessa situação, de tentar até achar um outro espaço. Eles foram no gabinete da vereadora Falzoni também ontem, que também é ciclativista, muito presente, no sentido de pensar até um espaço mais apropriado, mais amplo, inclusive, que você possa colocar tantos de água, atender a população de maneira mais efetiva. Então, acho que foi essa conversa que a gente, muito tranquilamente, mas acabou-se por um certo encaminhamento de buscar um espaço mais adequado. A própria vereadora se propôs a buscar um espaço maior e mais adequado para essa atividade que é muito importante, sim, mas que, nesse momento, pelas condições que a Ana Dara colocou, a Zilah e o Ramon, no centro cultural está praticamente inviabilizada, porque eles estão praticamente em um mezanino onde embaixo tem mais de 100 pessoas. Você não pode ter uma atividade que você mexe com ferramenta e pode cair no pessoal, água, tanques. É uma atividade que está muito inviabilizada em função desse espaço. É esse depoimento que dou e que acompanhei uma parte do pessoal que estava presente ontem nessa reunião do gabinete. Foi ontem à tarde. É isso.

00:26:46 George Queiroz: Bom, vamos lá. Eu sou apenas um conselheiro do CMTT, nem da CTB oficialmente, mas do CMTT, do Conselho de Transportes. Eu não faço parte do Mundo na Roda. Eu queria até que eles estivessem aqui, não sei se tem ninguém do Mundo na Roda, dos voluntários, da equipe de voluntários. Essas histórias, a questão da caixa d'água, processo de emergência e tal, não foi o que acabou aparecendo para a gente. A nota do Mundo na Roda deixa clara a surpresa do coletivo com as decisões, de alguma forma, unilaterais. O Ramon falou em questão jurídica, foi feito o encaminhamento do jurídico, porque aquela atividade não deveria. Eu não sei se isso casa com a matéria da Folha de São Paulo, que o diretor da ciclocidade, o Rafael, Ricardo, recebeu a notícia de que foi considerada uma atividade não cultural. Isso é uma coisa que, se isso é verdade, é inaceitável. Espero que não seja. A gente fica preocupado com o que vai ser feito do espaço. Eu estou falando aqui mais como ciclista, como participante de uma comunidade, eu não sou voluntário do Mundo na Roda,

sou usuário do Centro Cultural para outras coisas, mas acho que se a comunidade, se o projeto vai para outro lugar, provavelmente não vai para um lugar tão bom quanto o Centro Cultural São Paulo, tão bem localizado. É muito difícil na cidade ter um lugar tão bem localizado quanto o Centro Cultural São Paulo, com ciclovia, com metrô, com avenidas, centralizado. É uma referência dos ciclistas da cidade há dez anos. Uma referência de que a gente fala assim, furou pneu, vai aonde? Vai no Mundo na Roda. Virou referência para “Putz, eu não sei remendar um pneu, vai no Mundo na Roda. Putz, minha bicicleta está com um negocinho aqui, vai no Mundo na Roda”. Virou uma referência para entregadores, pessoas, ciclistas de baixa renda e tal. Sendo ela inevitável, como diz, como tem sido dito. São duas histórias que eu ouvi, uma que é inevitável por causa de uma reforma, e a outra inevitável por causa de uma ordem jurídica. Essa ordem jurídica eu não entendi muito bem se tem a ver com essa história de que o bicicleta, uma oficina, não é equipamento cultural, que seria muito estranho, mas tudo bem. Mas, assim, a comunidade de ciclistas, não os voluntários, rapidamente, quando soube dessa saída, ficou muito impactada. Foi uma certa quantidade enorme de ciclistas que o pessoal chamou de um dia para o outro, porque a comunidade realmente está chateada com essa história, está chateada, e eu acho que quem perde a comunidade de ciclistas perde muito a cidade, perde o centro cultural. O centro cultural perde uma referência para uma comunidade importante, perde uma referência que era orgulho da cidade. Então, para a gente, é uma tristeza tal qual, sei lá, se retira uma ciclovia. É tão importante para a gente como uma ciclovia a gente ter pontos onde a gente tenha essa possibilidade de conversa, essa possibilidade de encontro, essa possibilidade de ajudar, especialmente ciclistas de baixa renda, dentro de aprendizado, aprendizado que pode ser até ir a algum momento para a área profissional, por que não? A gente fica numa fumaça de incertezas. Então, essa ideia de ir para outro lugar, qual lugar? A gente vai procurar a partir do que, se a gente tem um lugar que para a gente era perfeito nesse sentido, e quando passam os anos, quanto mais tempo passa, 10, 15 anos, vira uma coisa traumática para a comunidade de ciclistas, é um pessoal que merece o melhor espaço possível. Não dá? Eu não sei. Eu fiquei realmente sem entender essa questão, principalmente essa questão jurídica, e esse negócio do não dá, não tem jeito e tal, mas fica um baque para a comunidade, e eu acho que o Centro Cultural São Paulo também perde muito, perde como referência de atividades diversas na cidade etc. Peço perdão, enfim, estou falando só um depoimento de um representante aqui, não do Mão na Roda, mas um ciclista que lamenta muito essa saída sendo inevitável. Obrigado.

00:31:47 Dandara Almeida: Oi, só vou responder rapidinho. É que não está saindo, porque não reconhece como um instrumento cultural, não é sobre isso, essa informação não procede. Porque até antes dessa decisão, eu fiz uma reunião com a secretaria e com o chefe de gabinete, e a gente conversando, pensando sobre uma alternativa de manter o Mão na Roda, entendendo o espaço e entendendo a acessibilidade do prédio. Na verdade, essa informação já não é sobre essa, não é porque não é um instrumento cultural, não tem nada a ver com isso. A parceria, eu propus seguir a parceria, diminuindo o espaço e liberando a escada. Na verdade, eu não consegui, antes da matéria sair, eu não consegui falar com o Mão na Roda, porque eles enviaram um e-mail para um outro setor, e esse e-mail não chegou até a direção e está aí uma matéria dizendo que o Mão na Roda ia sair, e foi toda essa confusão, e desde então eu estava tentando falar, inclusive a Silvana está nessa conversa, que ela é do Núcleo de Gestão, e um dia antes da matéria sair, eu procurei a Silvana, e falei, Silvana, vamos pensar, começando com o chefe de gabinete, vamos pensar em uma outra porta, diminuir o

espaço, conversar com a Silvana, conseguir um vidro que separa o Mão na Roda da escada, diminuir o espaço, conversar com eles, descer uma parte do material, guardar, procurar uma sala, montar uma sala, que esse material ficasse no almoxarifado, mas que a gente também tinha que entender, porque não pode ter, como é um local do almoxarifado, que tem nossas oficinas, nosso material de trabalho, nossa reserva técnico-artestrutural, não seria circulação de público, mas seria somente dos oficinairos do Mão na Roda. Essa conversa aconteceu antes de tomar essa proporção nos meios de comunicação. Essa seria a proposta. Quando a proposta saiu das minhas mãos, porque eu não consegui falar com o Mão na Roda em relação a isso, porque, desde então, essa proposta, como eu conversei com o Ramon, ela já aconteceu lá atrás. Só que a única coisa que a gente ia falar com eles, que é o tanque, infelizmente, não ia ter como reinstalar um tanque por conta da infiltração e liberar a saída de emergência, porque as duas salas maiores, as salas de espetáculo, que é a sala do Anirão e a Jardel, elas ficam próximo ao Mão na Roda. Seria uma saída de emergência para o bombeiro também. Esse projeto, essa conversa. Não tem nenhuma conversa que é sublocar espaços, não, é subir o bombeiro, diminuir o espaço do Mão na Roda e liberar a escada. Era essa a conversa anterior com o gabinete. Não tem uma outra conversa de tirar o Mão na Roda, simplesmente porque não tem uma parceria formalizada, porque não reconhece como instrumento cultural. Essa conversa não existiu. A Zilah, a Silvana está aqui, porque nós sentamos e conversamos inclusive com a produção, andei por todo o prédio antes para poder entender como a gente poderia realocar o Mão na Roda. Tomou essa proporção. Eles foram procurar a Câmara de Vereadores, foram procurar outras pessoas, e até agora essa é a única reunião real sobre o Mão na Roda que eu estou participando. Eu fiz questão de participar para esclarecer esses fatos, porque nós só precisamos liberar um espaço para poder ter uma acessibilidade, ter uma acessibilidade dos bombeiros, diminuir o espaço do Mão na Roda, explicar para eles que não daria para colocar novamente o tanque, tirar um pouco dos acessórios. Embaixo, onde eles estão, é um mezanino, cai, tem que diminuir, porque cai ferramenta, cai chave. A minha comunicação do Centro Cultural fica embaixo. O Centro Cultural tem o maior prazer. Eu sou moradora do bairro, eu frequento o Centro Cultural antes de ser diretora, já frequentei o Mão na Roda, eu tenho bicicleta. Não é nada pessoal, vamos tirar o Mão na Roda, não é instrumento cultural, não é nada disso. Essa é a primeira reunião que eu consigo falar sobre as necessidades do Centro Cultural e convido vocês a irem ao Centro Cultural para a gente conversar pessoalmente, ver o espaço, ver o que eu estou tentando sugerir para o Mão na Roda, para a gente poder seguir.

00:37:02 Thomas Wang - Bike Zona Sul: Eu vou falar sem me darem a palavra, porque estou inscrito na fila e não consegui ir à fila. Não sei se vou ter que ter a palavra respondendo. Sou o Thomas Wang, já fui voluntário no Mão na Roda, já fui voluntário na Horta do Centro Cultural, participei da fundação, da criação inicial da horta uns 15 anos atrás, mais ou menos, acho que mais ou menos isso. Até hoje o crachazinho branco e azul de voluntário do centro. Estou atualmente no gabinete da vereadora Renata Falzoni. Ontem, a gente recebeu também alguns voluntários do Mão na Roda. Me espanta, Dandara, falar que é a primeira reunião sobre o tema. Eu sei que pode ter tido problemas de comunicação.

00:37:42 Dandara Almeida: Comigo, sim. Comigo, sim. Desculpa. Eu vou falar em cima de você também, desculpa. Mas eu tenho como provar que o e-mail pedindo a primeira reunião foi com o Ramon. Eu falei, Ramon, precisa conversar com o Mão na Roda, até porque ele que cuida desse setor da ação cultural, o Mão na Roda lida diretamente com o Ramon. E entendeu-se que a gente estava

tentando, inclusive quando a gente ia tirar o material, falei, Ramon, vou dar uma volta, vou caminhar, chamei o Adriano da produção, vamos no prédio ver se a gente consegue realocar para um outro espaço.

00:38:18 Thomas Wang - Bike Zona Sul: Você já falou essa parte. Você já falou essa parte. Para mim, parece que você está se repetindo, desculpa. Mas eu entendi que vocês têm uma obra superimportante, frequente no centro cultural, como falei, há anos já, e estava precisando de uma obra. Temos que ser isso, e vocês estão fazendo um trabalho excelente ali. Não estou criticando você, entendeu isso? Não estou criticando a gestão. É que chegou truncada a informação, tanto na Câmara Temática, que eu também sou conselheiro, quanto nos gabinetes, quanto na Comunidade de Ciclistas em geral, como o Jorge falou, e foi aquela coisa de, tipo, de repente parece que estão chutando o Mão na Roda dali, vamos dizer dessa forma. Não estou dizendo que foi isso, mas foi o que passaram para a gente, entendeu? Foi o que chegou, vamos dizer, na imprensa, como você disse. Agora que eu perco a câmera fechada. O ponto é, a gente tem que encontrar uma solução para a oficina, que não conha em risco. Sim, tem uma legislação, você tem que receber tudo isso, com certeza. Encontrar um espaço, seja no centro cultural, seja em outro local, seja adaptando o espaço que tem. Então, fazer talvez uma reunião direta com você, o Ramon, a Zilah, a outra moça agora que me fugiu o nome, tinha anotado aqui, com a equipe do Mão na Roda ali, porque eles têm alguns deles que são, vamos dizer, estão mais nessa parte de liderança, apesar de eles serem um movimento horizontal, para discutir e vistoriar o espaço. Talvez, não seja ali onde eles estão hoje, porque tem um risco para a sua equipe que está aí embaixo, tudo bem. Então, encontrar um outro espaço, se for o caso, ou talvez em outro equipamento da secretaria, que não necessariamente o Mão na Roda, apesar do Mão na Roda, como o George falou, ser ótimo. Entender qual que é o desejo deles ali de equipe, e o que dá para fazer, seja no centro cultural, seja em outro equipamento da secretaria. Eu estou espantado que não teve uma reunião, antes de cair na imprensa, e depois vir aqui, que é uma reunião, teoricamente, da Secretaria de Mobilidade, não ter tido uma reunião centro cultural e Mão na Roda. Não estou dizendo que é culpa de ninguém, mas eu achei que já teria tido essa reunião, e a matéria fosse, tipo assim, um chute, um último recurso. Vamos polemizar, porque não está dando diálogo. Entendo que não foi isso, agora, pelo que vocês explicaram.

00:40:34 Dandara Almeida: Só pegar um ponto. Quando o Ramon entrou em contato com o Mão na Roda, falando da direção, isso na quarta-feira, quarta ou quinta, gostaria de falar com vocês, porque a gente tinha uma outra alternativa, já não quis mais a reunião. Ramon, fala sobre isso, porque a gente não falou, acho que vai se na sexta-feira, pediu uma reunião. A gente tem uma conversa, pediu uma reunião na sexta-feira, falou “olha, vamos conversar”. A gente tem uma alternativa, porque até então não tirou nada. A gente não mexeu em nada no Mão na Roda. A gente está tentando uma alternativa e, realmente, eu, Dandara, diretora do Centro Cultural de São Paulo, não tive nenhuma reunião com o Mão na Roda, porque quando eu mandei pedir para o Ramon fazer essa ponte para uma reunião, aí já teve uma outra resposta. Ramon, pode explicar para você.

00:41:35 Ramon Soares Cardoso da Silva: Bom, eu vou fazer algumas considerações. Vamos lá. A primeira delas, como eu disse na minha primeira fala, nós nunca tivemos muita dificuldade de diálogo, digamos assim, com o Mão na Roda. Pelo contrário, a gente sempre teve muitas trocas. Em nenhum

momento, acho que, se foi o que se entendeu, esse entendimento está equivocado, houve várias reuniões, não especificamente para tratar disso, mas a gente sempre teve reuniões. O que o Dandara está pontuando é que não houve uma reunião com o Mão na Roda e ela, especificamente. Mas as reuniões com o Mão na Roda tiveram várias, normalmente sempre o Mão na Roda e uma participação com Ciclocidade. Eu vou fazer uma outra consideração, porque tem uma informação aí que ficou bem cruzada e que ela precisa ser bastante nítida. O que eu disse várias vezes e disse, inclusive, com o coletivo, é que houve um parecer jurídico no processo que entendeu que não era a natureza da Secretaria. E nós, Centro Cultural São Paulo, assumimos a responsabilidade de questionar esse entendimento. Isso desde o começo. E o Mão na Roda sabe disso, o Ciclocidade sabe disso, porque foi essa a nossa conversa com eles. Então, em nenhum momento houve uma justificativa do tipo não é o função da cultura. Não é porque esse foi o parecer jurídico. E nós sempre nos posicionamos e nos disponibilizamos a questionar esse entendimento. Eu trouxe esse elemento para explicar que o atual processo está parado nesta fase, nessa argumentação jurídica que a gente ainda não contrapôs. Não contrapôs porque a gente entrou nesse diálogo de fazer uma conversa com o coletivo para poder construir um projeto e tudo mais, e esse diálogo seguiu até um momento recente. Mais recentemente, especificamente umas duas semanas atrás, se não me engano, a gente entendeu que havia outras dificuldades que foram surgindo a partir da obra. Conforme a obra foi acontecendo, a gente está identificando outras questões do espaço, especificamente. No primeiro momento, a gente entendeu que talvez fosse o caso de retirar a parceria de lá. A parceria, formalmente, já não existia. Existia a ocupação do espaço. Eu sei que algumas coisas parecem repetidas, mas é porque, infelizmente, algumas coisas se repetem, mas aparecem cruzadas. A gente precisa dissolver um pouco esses nós. Só para continuar a linha de raciocínio. A reunião mais recente que foi chamada foi chamada, de fato, com o intuito de a gente pensar uma dissolução dessa parceria. Essa parceria no sentido da ocupação física, porque o processo estava parado naquilo que eu já comentei. Depois dessa reunião, até com a devolutiva e tudo mais, porque a gente entendeu, então, vamos pensar nessa alternativa de fazer esse recuo, libera a passagem, ocupa um espaço menor. Nós chamamos uma reunião para sexta-feira passada. Nessa reunião da sexta-feira passada, o coletivo propôs, então, que participasse o Mão na Roda, o Ciclocidade. De fato, a gente entendeu que não era o caso. A nossa parceria é um diálogo com o Mão na Roda, quem executa essa parceria é a Mão na Roda. Não era uma reunião, não era uma plenária, não era uma reunião pública, era uma reunião para tentar propor esse novo formato de reduzir o espaço e liberar a passagem. Mas, de fato, o posicionamento do coletivo foi de que essa reunião aconteceria só com a participação do Ciclocidade. Nós não concordamos com isso. Isso, de fato, aconteceu. O que nós convidamos para participar da reunião foi o Ciclocidade para pensar uma dissolução pragmática dessa situação toda, que era apresentar essa outra proposta. Em resumo, é isso. Desculpa se foi um pouco repetitivo, mas é porque só para dissolver alguns motos ficaram um pouco truncados.

00:46:24 Dandara Almeida: Interrompendo o Ramon rapidinho, desculpa, Ramon, mas é que está ficando gancho. A conversa, a última reunião que eu pedi na sexta-feira, era para comunicar que a gente tinha essa solução para não sair. Atende vocês? Dá para ser assim? Era isso. Era “olha, vai diminuir aqui, a gente vai liberar a escada, vai fazer dessa forma, atende, vamos pensar numa outra solução”? Era para comunicar aos oficinairos, às pessoas que estão ocupadas no Centro Cultural. Não era uma reunião para “vamos debater, para ver”. Não era só, olha, a Zilah fez o projeto, vê se atende,

diminuindo aqui, vê se dá certo abrir uma outra porta, liberar a escada. Era isso. Entendeu? Então, é só para esclarecer mesmo os fatos.

00:47:21 Dawton Roberto Batista Gaia: Bom, gente, eu acho que está mais do que esclarecido. Eu estou entendendo o seguinte, o encaminhamento disso, talvez seja uma nova reunião entre vocês aí, para poder chegar a uma solução definitiva. Eu estou entendendo que existe uma proposta por parte da Secretaria da Cultura, mesmo que seja reduzir o espaço, mas existe uma proposta de permanecer lá, mesmo com espaço menor, atendendo as demandas do bombeiro, que terminou notificando o Centro Cultural, provavelmente. E, claro, dando prosseguimento ao parecer jurídico que, em algum momento, ele está se manifestando com relação a toda essa proposta e ao projeto de um modo geral. Eu acho que, de fato, o convênio vai continuar, de fato, essa atividade, essa ação do Mão na Roda vai permanecer ali no Centro Cultural. Eu acho que isso, agora, ele tem que conseguir uma reunião entre vocês e depois a gente comunica aqui na nossa Câmara, não tem problema nenhum, daremos espaço novamente, se for o caso, para fazer um comunicado. Mas eu acho que o assunto aqui debatido acho que já se esgotou.

00:49:01 Thomas Wang - Bike Zona Sul: Posso te dar uma sugestão? Desculpa te contar. Estou falando aqui em paralelo com algumas pessoas do Mão na Roda pelo WhatsApp e ele parece que nem todo mundo sabia que tinha essa opção de diminuir o espaço, eles perguntaram se a gente pode agendar essa vistoria ou reunião para vocês apresentarem a proposta, explicar como seria essa redução do espaço, o vidro. Também não entendi exatamente o vidro, apesar de conhecer o espaço físico ali, eu acho que eu sei, mas se a gente pudesse marcar isso, seja agendar, asilar o pessoal do Centro Cultural Ramon e algumas das pessoas do Mão na Roda temporariamente para ver se isso atende ou não, até sair essa questão do jurídico e outros problemas posteriores a gente vê depois. Não sei se quem da equipe do Mão na Roda, do Centro Cultural.

00:49:46 Zilah: Eu queria só acrescentar o seguinte. Eu sou ciclista há muitos anos, desde jovem eu ando pelo bairro, tenho duas bicicletas atualmente eu uso o Mão na Roda. Eu sei como ele funciona, eu sei que o pessoal é super solícito, incrível, eu adoro. Eu sei como funciona. Então, essa proposta ela vai ser feita a partir de uma ciclista dessa diminuição de saber o que que tem para se usar. Essa conversa eu acho que é uma conversa para a gente ajeitar esse projeto, porque a gente vai ter que ter esse projeto, mas essa parte jurídica não é a minha parte. A minha parte é fazer essa adaptação pelo menos. Eu quero dar o meu depoimento como frequentadora do Mão na Roda. Eu toda hora estou aprendendo coisas lá com as minhas bicicletas e estou ficando mais velha, tenho que cuidar ainda mais, mas eu sempre adorei o tratamento do pessoal. Só para dar esse depoimento como frequentadora do Mão na Roda.

00:51:01 Dawton Roberto Batista Gaia: Mais do que isso, agora o importante é o seguinte, é que eu acho que esse projeto pode até ser ampliado. Estou vendo aqui no chat que tem uma outra proposta que é o Miguelito, interlocutor do MNR. Há uma outra oferta do CCSP, veremos coletivamente. Estou agradecendo muito à Dandara e ao Ramon, que foram fiéis. Acho que isso é importante. Foram muito fiéis ao que foi comunicado nas últimas comunicações, nos últimos dias. Acho que, independentemente do que está ocorrendo, é uma oportunidade para que isso possa se expandir.

00:51:55 Dandara Almeida: Eu sou ciclista como a Zilah. Acho que é claro, é bom falar sobre isso. A gente já teve essa conversa antes. A gente queria diminuir o espaço, foi muito importante essa reunião, porque eu precisava falar sobre as informações que estão truncadas e tem uma divergência de informação chegou na mídia algumas informações que não condiz com o que a gente estava fazendo. Era você o Thomas. Eu vou estar no Centro Cultural agora à tarde, eu estou na minha casa agora, mas por conta da reunião, porque lá eu não consigo fazer a reunião, porque muita coisa fiquei em casa no período da reunião, mas eu estou indo para o Centro Cultural. Vocês estão superconvidados a irem ao Centro Cultural ver a logística, a gente entender como pode ser feito esse projeto. Era isso que eu gostaria de conversar, falei com a Michelle. Michelle, eu acho que o movimento eles não iam falar não para liberar uma escada, eles precisam saber a real conversa o que está acontecendo eu acho que por conta que foi lá e fez o movimento da galera, mas quem foi também não tinha essa informação que é só liberar uma escada. A diminuição do espaço a gente pensar num projeto que não tem infiltração que não derruba ferramentas das pessoas. Eu uso Mão na Roda. Eu tive essa conversa com a Angela muito antes de a gente pensar em diminuir o espaço, com a Silvana, por conta da reforma. Um dia eu fiquei lá na porta do Mão na Roda com a minha bicicleta esperando para poder arrumar o banco que estava me machucando. Então, são relatos que eu utilizo. Não estou aqui fazendo média. Ninguém quer tirar o Mão na Roda, porque tirar ou porque quer sublocar ou nada do tipo, que fique claro isso. A parceria é importante. É interessante. A gente precisa pensar numa solução. É isso. Obrigada. Eu vou estar lá.

00:54:03 Dawton Roberto Batista Gaia: Gente, eu agradeço agradeço a Dandara mais uma vez e realmente esclareceu a pauta de esclarecimento sobre essa demanda. Existe realmente o empenho em permanecer, mesmo que seja menor para poder atender todas as demandas internas e da legislação. Acho que importante. É isso. Nós temos mais quatro pautas aqui para poder tratar. Eu vou encerrar essa pauta. Vou agradecer mais uma vez a Dandara e toda a equipe que se dispôs a participar aqui da nossa reunião. Agradecer realmente. Acho que é isso o que a Dandara fez no final. Foi ótimo. Thomas e todas as pessoas que se quiserem ir lá fazer uma visita marcar com a Dandara uma visita, com certeza eu acho que vai ser muito mais esclarecedor do que a gente está colocando aqui. Dandara, muito obrigado mais uma vez.

00:55:21 Paulo: Eu agradeço aqui e temos a disposição para o que for necessário. Estamos acompanhando o assunto e estamos aqui para ajudar também. Obrigado a todos.

00:55:40 Michele Perea Cavinato: Dandara, muito obrigada por ter aceito a pauta. Vamos perguntar como ele entra em contato com você.

00:56:09 Thomas Wang - Bike Zona Sul: Obrigada, Dandara, Ramon, toda a equipe do Centro Cultural.

00:56:10 Dandara Almeida: Nós quem agradecemos. Você chegando agora depois das 15 horas no Centro Cultural. Eu vou estar na minha sala e vou estar esperando quem for lá para entender a logística desse rolê todo. Tá bom?

00:56:30 Dawton Roberto Batista Gaia: Gente, vamos prosseguir a nossa reunião situação da licitação que foi cancelada e as novas estruturas cicloviárias. Vou passar aqui a palavra para o Pradas e depois, se for necessário, a gente complementa. Pradas, a palavra é sua.

00:56:56 SMT-AT – Pradas: Bom dia a todos. Vou ser razoavelmente sucinto. A gente vai tirando as dúvidas, como sempre, depois do da orientação do prefeito para o cancelamento, face a orientação do PCM. O secretário Gilmar conversou com a gente e pediu para atender às recomendações de uma nova termo de referência, alterar o termo de referência. A gente explicitou a nossa preocupação com relação a isso, em relação a gente ter uma prestação de serviço aquém do que a gente gostaria, uma série das recomendações sobre competitividade encaminhadas para a gente. Foi questionada pelo TCM em relação a reduzir a competitividade e possibilidade de sobrepreço, retirada disso. Nós entendemos aqui que ela vai expor a possibilidade de prestação de serviço aquém do que seria desejado, diferentemente do que está conseguindo ser realizado pela PPP. A gente está revisando todas as tabelas. Tem que atualizar todas as tabelas de preço, atualizar o termo de referência e conversamos também sobre inclusão de alguns excedentes em lotes da PPP que não têm mais votação orçamentária para a gente executar ciclovias naquele lote. Incluir também nessa licitação e subiria para cerca 170, 180 KM. Se eu faço a contabilidade correta disso para fazer mais dois lotes oriundos desse excedente que teve de ciclovias na PPP e é essa situação. A gente prevê que, até o final deste mês, começo do mês que vem, deve estar com isso mais alinhado mesmo, porque, na dotação orçamentária, a gente ainda está trabalhando no descongelamento e conseguiu os recursos que nessa dotação para a execução de ciclovia. Eu acho que é quase 100%, se não for 100% dinheiro do fundo urbano que não está disponibilizado para a gente ainda no momento. A gente está fazendo isso com todo o critério. O secretário Gilmar está acompanhando. Pediu para ser repassado para ele instruir um novo processo efetivamente. O maior critério do ETP é construir esse ETP junto com o gabinete, como era feito da outra vez. Quando a gente colocar, já vai ter um ok, inclusive, no gabinete da Secretaria Executiva, para a gente encaminhar. A gente teve, com a nova tabela, os preços de insumo foram reduzidos. A gente teve uma redução, teve uma redução que vai ser perceptível também nos insumos de canteiro, insumos de administração da execução, também vai ser sentido. Mas a ordem de grandeza, no final mesmo, o progresso vai ser na mesma ordem de grandeza de preço da execução que estava sendo disponibilizado anteriormente. A gente tem que estar disponibilizado até junho, começo de junho, junto com a Dotação Orçamentária de Futuro, que é sempre em maio e junho, para a gente fazer a consulta pública durante esse final do primeiro semestre e começo do segundo semestre. Acho que é isso.

01:01:17 Dawton Roberto Batista Gaia: Muito obrigado, Pradas. Acho que só acrescentando que, embora esteja planejado esse 170, 180 quilômetros aproximadamente, juntando com a PPP, mais 144 quilômetros da PPP, que já estão em pleno vapor, está sendo implementado a PPP, juntando 158 mais alguns lotes da PPP, ultrapassaram o limite financeiro, então estamos reaproveitando o que estava desses lotes e passando nessa questão para poder fazer a licitação e continuar com o que está planejado já, dando continuidade ao que já estava planejado. Claro que isso não significa que isso vai parar por aí. Nós temos mais 100 quilômetros que já passaram pela CEP também, que já passaram por audiências públicas, à medida que as licitações vão sendo colocadas em atividade, sendo contratadas, a gente vai fazendo novas licitações. Isso significa que é um processo contínuo. E claro, a gente não

pode esquecer que existe um trabalho que está sendo feito aqui pela Secretaria, em conjunto com a CEP ainda, que é a consolidação do planejamento para chegar nos 1.800 quilômetros que está lá no PlanMob e no PDE. Continuamos fazendo isso e permanece esse trabalho que nós estamos fazendo. Essa semana nós já tínhamos consolidado 318 quilômetros lá na gestão passada, fora tudo isso que nós estamos falando. E agora, hoje, eu estou conversando com a Leia aqui, nós chegamos, fora os 318, mais 242 quilômetros. Ou seja, estamos falando aí próximo de 1.650 quilômetros já consolidados, somando ao existente. Então, o esforço, o sentido de buscar a consolidação do plano, isso não parou aqui na Secretaria. Por que nós estamos falando isso? Porque depende de outras coisas. Esses 318, mais 242 quilômetros, eles têm que passar por audiências públicas. É isso que nós estamos buscando agora, consolidar esse planejamento e começar a fazer as audiências públicas para poder ter, de fato, um número, uma quilometragem e as conexões necessárias para poder consolidar esse plano e falar que esse plano passou por audiência pública, de fato, e pode ser contratado. Esse é o nosso próximo passo e essa é a nossa prioridade com relação à consolidação do plano. Ele só vai estar consolidado definitivamente a partir do momento que tiver passado por audiência pública. Só um complemento mesmo que eu tinha para fazer com essa fala do Pradas. Não sei se alguém tem alguma dúvida com relação a isso, mas acho que ninguém levantou a mão. Eu vou passar para outro assunto, que é a atualização do Bike SP. Tem um estudo que está sendo feito com relação ao Bike SP.

01:07:05 Lucian CTB: Você falou que a gente tem a contratação. Você falou que a gente tem o plano cicloviário já estudado, mas eu vi aqui que o programa de metas, a prefeitura publicou e a gente só tem mil quilômetros de estrutura cicloviária, o que é muito abaixo do que está previsto no plano móvel. Mil quilômetros é menos do que o plano móvel previa para 2024. Agora, está atrasado 2024 e 2028. Eu queria saber, a gente vai ter as audiências públicas do plano de metas? Se elas vão ouvir a demanda da população e a gente vai poder mudar essa meta depois de consultar da população? Isso está sujeito à correção com a demanda da sociedade. E considerando que essa contratação específica é para trechos já determinados e o plano cicloviário já avançou bastante o planejamento, se a gente está preparando uma outra licitação para os mais de 600 quilômetros que estão no plano cicloviário, mas que ainda não estão contratados, não estão com termos de referência?

01:08:27 Dawton Roberto Batista Gaia: Perfeito. Bom, saiu no plano de metas hoje, atingi os mil quilômetros, mas o plano de metas é atualizado a cada dois anos, nos próximos dois anos a meta é essa mesmo, está sendo colocada, já passou lá pela Câmara Municipal. Inclusive, a meta é essa mesmo. Isso não significa que daqui a dois anos ela não pode ser alterada e não significa que não possa ser implantado além do que está no plano de metas, é isso que precisa ficar muito claro. Lucian, acho que o mais importante agora, além de tudo isso que a gente está fazendo, que já está planejando, que está contratando e está propondo já fazer as audiências públicas, fazer as concorrências públicas, é consolidar o plano de fato. Porque não tem possibilidade, pelo menos a legislação não permite, de contratar as novas conexões, as novas estruturas cicloviárias, sem passar por audiência pública. O próximo passo é esse mesmo, é consolidar o plano com a audiência pública feita pela secretaria. Esse é o nosso desafio aí nesses próximos dois anos, até a próxima meta. Isso porque eu não posso colocar na meta uma estrutura que não passou por audiência pública. Então, é isso. Consolidar o plano, chegar nos 1.800 quilômetros, de fato. A partir daí, propor as novas contratações, buscar o recurso, que é isso que é importante, e fazer as novas contratações. Então, eu

acho que estou colocando aqui se tem alguma data. Não, não tem data, porque nós estamos, nesse momento, preparando isso, preparando esse material. O material vai ser bastante extenso, porque, a princípio, o que a gente já tem aqui, é quase 550 quilômetros consolidados já, vamos colocar assim, mas eu pretendo, até o final deste ano, ficar muito claro, até o final deste ano, eu quero chegar aos 1.800 quilômetros. Porque a legislação está aí. De qualquer forma, nós estamos buscando fazer esse plano e chegar aos 1.800 quilômetros. Ao longo, vamos dizer, desse governo municipal, a gente vai modificando e propondo as novas metas a partir do momento que ele vai se consolidando. É isso. O que, basicamente, a gente sempre vai depender são de recursos que se colocam para poder implementar essas estruturas ciclovárias.

01:11:50 Thomas Wang - Bike Zona Sul: Aquelas audiências que a gente fez em 2018, 2019, na época da Betty França, teve várias vezes que foram aprovadas ali. Eram, no mínimo, 5 para o subprefeitura. Então, 5 vezes 32, se não estiver me enganado. Tem várias vezes daquelas que não foram implantadas ainda. Eu não sei em que pé que ficou. Algumas eu sei que estão na PPP, algumas estavam nessa concorrência que foi cancelada e tem umas que acho que nunca começaram. Vou dizer dessa forma que eu não sei onde parou, sinceramente. Aquelas ali não dá para ir já incluir nessa nova concorrência que o Pradas mencionou? Ou você está usando os termos técnicos errados? Pelo menos ir começando aquelas que já foram aprovadas lá atrás, para tentar tirar o atraso? Pergunta sincera. Porque você vai tentando tirar o atraso antes de recomençar um ciclo de audiência pública que dá um trabalho a mais. E, óbvio, tem que ser feito também e segue a legislação tudo certinho, mas tem coisa que foi aprovada que não foi feita ainda, hein? Essa é a minha pergunta. Essas vocês já poderiam começar. Contratação para essas.

01:12:58 Dawton Roberto Batista Gaia: Vamos colocar assim. Disso que foi elaborado, de concorrências públicas que já foram feitas, estão lá cerca de 180 quilômetros que vão ser implementados pela PPP. São os 158 mais 100 quilômetros que já estão sendo também reaproveitados aqui nesse processo de contratação e de concorrência pública. Vamos colocar assim. Dentro desse programa que nós estamos aqui elaborando, disso que está sendo consolidado, muitas dessas vias, elas estão aqui nesse processo. Também estão sendo reaproveitados nesses 550 quilômetros que nós temos aproximadamente. O que está sendo feito é um novo mapa, vamos colocar assim, para poder ter uma visão total e global de toda a estrutura ciclovária que está sendo proposta, porque eu participei bastante desse processo anterior, e muitas das vias que foram propostas na época, não tinha como consolidá-la como uma rede ciclovária, por vários motivos, por larguras que tinham. Eu fiz vistoria em várias delas, e realmente não tinha condições de colocar uma rede ciclovária naquele formato e com aquela característica da via. Tanto é que algumas das vias que na época eu estava tentando implantar, até cheguei a implantar algumas delas, tive um problema específico, mas o problema mais grave que terminou ocorrendo foi algumas vias com uma topografia muito acentuada, e realmente nós tivemos que cancelar algumas das vias que iam ser implantadas na época, porque ela estava consolidada, mas a topografia na época não permitia. É lógico que hoje, com o pedal ativo e com as novas tecnologias, talvez isso não viesse a ser um problema para poder administrar com relação a isso. Mas, de qualquer forma, muito do que foi feito lá está sendo reaproveitado. A gente não pode esquecer que as características da cidade mudaram também. Mesmo a proposta que está sendo elaborada, essa nova proposta que nós estamos elaborando, ela

tem um formato diferente, e o objetivo realmente é fazer o que as pessoas queiram nessa estrutura cicloviária na porta da casa dele, que o comerciante queira a estrutura cicloviária na porta do comércio dele. Eu não sei se está em uma das pautas aqui, mas de transformar passeios, fazer esses passeios mais largos com o objetivo de fazer uma ciclovia e não uma ciclofaixa, permitindo que o estacionamento não seja proibido, quer dizer, criar uma possibilidade de o comércio estar querendo que a ciclovia passe por ali, de fato, sem interferir, porque é uma reclamação, todo mundo sabe. O comerciante não quer a ciclovia porque ele termina proibindo a parada e o estacionamento do veículo na porta do comércio. É lógico que nós não conseguimos fazer isso em todas as ciclovias? Não, não vamos conseguir, mas grande parte delas, eu acho que a gente pode conseguir sim. É uma forma diferente de olhar a cidade. Como a gente vê em outros países, onde eles tiveram sucesso, nesta implementação da rede cicloviária, onde você vê uma intervenção urbana e não uma rede cicloviária. Você tem o pedestre caminhando junto com o ciclista, convivendo com bastante tranquilidade entre os dois modais, sem problema nenhum. Agora que estão surgindo os patinetes também, tem uma nova frente para a gente desenvolver e aprender a conviver isso amigavelmente, vamos colocar assim. É isso. Acho que a proposta do novo projeto, a nova proposta, ela vem consolidar um pouquinho esse novo pensamento. Não sei se vocês tiveram a oportunidade de assistir à apresentação do TLT aqui. Ele propõe, em alguns lugares, em algumas passagens onde veio que eu passo, inclusive redução de via, redução de faixa do viário para poder consolidar de fato o pedestre e o ciclista ali do lado, para poder fazer essa conexão e esse transbordo entre o ciclista e o veículo de transporte. É um pouco esse pensamento, olhar a cidade onde todos os modais eles sejam defendidos, sejam aceitos pela população e para todos os moradores e principalmente para os usuários desses modais. É uma construção. A gente tem que entender que é uma construção e é um processo onde eu diria que nós estamos rompendo paradigmas e muitas dessas propostas que estão sendo elaboradas nesse momento. Tenho certeza absoluta de que juntos nós vamos ser capazes de fazer isso daí. É isso. O fato de ter neste momento menos quilômetros, vamos colocar assim, atingir apenas mil quilômetros na rede cicloviária, não significa que não poderá ser implantado mais estruturas cicloviárias do que está sendo proposto. O que a gente precisa agora é estar organizado para poder fazer essas defesas, fazer esses contratos, essas concorrências públicas, para poder implementar nossas redes cicloviárias. Acho que é isso.

01:19:32 George Queiroz: Desculpe, só uma pergunta rápida. Esse plano de metas divulgado agora, ou seja, chegada de mil quilômetros, ele foi avalizado por você, então? A inclusão desta meta no plano de metas foi avalizada? Que a gente chega em 4 anos, 3 anos e meio, a 2 mil quilômetros.

01:19:48 Dawton Roberto Batista Gaia: Eu faço parte do governo, George. Essa pergunta você não precisa nem fazer.

01:19:55 George Queiroz: É ousada, é uma meta já ousada. Feito 50 quilômetros, você passar de 50 para 250, já é ousada. Porque você sabe que tem dificuldades, você sabe mais do que as dificuldades.

01:20:11 Dawton Roberto Batista Gaia: Eu diria que não é, não. Eu diria que nós temos que vencer as dificuldades da implantação, da implementação. Com certeza nós vamos vencer. É um processo administrativo contínuo que vai fazendo com que a gente consiga construir um plano e que esse plano

seja consolidável. Eu acho que é isso. Uma coisa é você ter um mapa lá, com 2 mil quilômetros de redes cicloviárias. Outra coisa é você pegar esse mapa e transformá-lo em realidade. É isso. É esse o exercício que nós estamos fazendo hoje. É transformar o pensamento, transformar um sonho na realidade. Você só transforma isso planejando, contratando, elaborando projeto e contratando a execução desse projeto na rua. É isso que a gente está fazendo. Buscando parcerias, quando necessário, para poder consolidar. Então é isso. É um plano que eu diria que ele é intersecretarial. Porque não é só SMT. Você vê que o SMU fez um plano lá no VLT e lá estava embutido uma quantidade de redes cicloviárias. Estrutura cicloviária conectada ali naquela proposta deles. Então é isso. Acho que a ideia é que isso seja permeado em toda a Prefeitura e que ela possa vir junto conosco implementando essas redes cicloviárias. Os bordos dos viadutos, os bordos dos rios, e tudo isso, todas as novas propostas de corredor que estão sendo implementadas, incluindo a estrutura cicloviária nos projetos que estão sendo implementados pela Prefeitura da cidade de São Paulo. Acho que eu vou mudar de assunto. Com relação à atualização do Bike SP, eu tenho conversado com o Fábio Kohn, que é o nosso convênio lá entre SMT e a cidade universitária. Nós estamos no finalzinho do processo. Nós estamos numa fase que eles fizeram, inclusive, uma parceria com outras empresas para poder estar consolidando o estudo do Bike SP. Eles já fizeram a parceria, inclusive buscaram recursos externos e já conseguiram, inclusive, essa parte do recurso externo. No nosso caso, nós estamos numa fase de descongelamento, como o Pradas falou. Esse momento é uma fase de descongelamento. O nosso valor é 152 mil reais. A gente tem que descongelar, talvez um pouquinho mais até agora. Mas é o que está sendo pedido e já passou, já foi aprovado, vamos colocar assim. Estamos aguardando descongelar esse recurso para poder disponibilizar. O Fábio já fez uma proposta de um release de imprensa para fazer o lançamento e a proposta já do projeto piloto. Está tudo pronto para poder dar início ao projeto piloto. Já tem, inclusive, recurso externo que o próprio Cidade Vegetariana, através do Fábio, ele conseguiu. Então, estamos na fase finalzinha mesmo. É apenas aprovar o release que ele nos mandou. Essa semana. A partir daí, dar início ao processo do projeto piloto. É isso. Acho que não tem muito o que falar. Está andando, não está parado, então ele deve sair, nos próximos 15 dias, deve sair alguma coisa. Finalmente, deve sair alguma coisa do nosso Bike SP. Apenas aguardando aqui o descongelamento. Como está todos os recursos? Inclusive, nós estamos pedindo recursos para a PPP, que o projeto já está elaborado, já está aprovado. Quase 120 quilômetros de projeto pronto, elaborado. Contratado, já foi elaborado, já está pronto para ser implantado. Eu estou aguardando o recurso descongelado lá também, para poder dar início ou dar continuidade às vias que estão sendo implementadas através da PPP. É isso. O que mais aqui? Então, o próximo assunto é o processo de requalificação das ciclofases. Acho que pode passar, não é? Não sei se vai conseguir subir aí a apresentação. Nossa internet está horrível. Está variado. Esse é o assunto da requalificação. Desculpa. Esse processo de requalificação de ciclofases, na verdade, acho que quem colocou esse assunto foi o Luciano, na reunião passada. E a gente está tentando, a gente está fazendo contato com a SMSUB. Não consegui falar mesmo por agenda, nem deles, para falar a verdade, mas agenda nossa, que nós conseguimos dar continuidade a isso. Aquilo que eu falei, esse projeto de estar largando passeios e colocando ciclovia para cima do passeio é uma elaboração de UTR que nós temos que fazer. Para isso, a gente tem que fazer um plano, a gente tem que consolidar um plano do que já tem implementado como ciclofase, vamos colocar assim, e transformar isso em ciclovia. Nós estamos pensando aqui, precisamos tratar desse assunto, especialmente com a CET, para a gente poder dar continuidade a esse processo e, posteriormente, fazer esse encaminhamento à SMSUB em conjunto com a CET. O

nosso trabalho interno entre Secretaria e CET está sendo feito nesse momento, mas ele ainda não está consolidado a ponto de chamar a SMSUB e tratar desse assunto. É isso. Acho que a gente vai ser feito essa reunião, possivelmente, com a SMSUB.

01:27:51 Lucian CTB: Oi, Dawton. Se você puder explicar o que foi feito agora?

01:27:59 Dawton Roberto Batista Gaia: O que nós estamos fazendo agora, Lucian, é separando, de fato, algumas vias que a gente considera que poderiam ser transformadas em ciclofaixa. E tem assim, só para você entender um pouquinho do que a gente está falando. Tem algumas vias que nós tivemos um rebote muito grande com relação a, pelo menos, alguns vereadores, foram políticos fechando, não querendo a rede cicloviária na porta do comércio que ele representa lá. Acho que o que a gente está fazendo é pegando um pouquinho dessas demandas, porque isso vai dar trabalho, pegar um pouquinho dessas demandas para poder transformar isso, algumas dessas, em ciclovia. Por exemplo, eu sempre sinto esse exemplo, que é a história da Rebouças. É uma que não tem nada a ver com o comércio, mas tem a ver com a consolidação de uma rede cicloviária estruturada e garantir a segurança do próprio ciclista pela característica da via. Essa é uma delas. Ou seja, tem várias outras vias que a gente está olhando aqui para a gente poder colocar isso no plano. Um jeito assim, se vocês quiserem contribuir com essas alternativas, a gente teve lá algumas vias que vocês participaram da dificuldade de implementação na época de consolidar aquilo como uma ciclofaixa, se vocês quiserem propor, a gente está aberto aqui. Eu diria assim, temos que falar de percentual. Até para poder chegar no número razoável, nós estamos falando que, pelo menos nessa meta, que a gente tem que chegar a mil quilômetros de rede cicloviária até o final dessa gestão, que é o plano de metas aí, nos próximos dois anos que a gente está colocando. É claro que se eu pegar desses mil quilômetros, vou colocar assim e pegar 10% desse número, é um número que eu estou chutando aqui, eu não tenho nada especificamente aqui para poder falar. Porque para eu falar em número, para falar em percentual, eu preciso saber quanto vai custar isso ainda, que é isso que a gente precisa fazer. Quanto vai custar eu fazer esse alargamento de passeio, por que qual é a nossa maior dificuldade? Quando eu faço alargamento do passeio, às vezes a calçada está tão ruim, que eu sou obrigado a fazer uma requalificação da calçada. Esse plano, ele tem que vir em conjunto com a pega das calçadas. É isso que a gente está fazendo. Em algumas calçadas que nós implantamos, nós fizemos uma operação conjunta que deu certo. Pega das calçadas, fazendo, a gente terminou implementando com alargamento de pista e terminou dando certo, que é o caso de São Miguel Paulista. Então, é isso. Quando eu falo que é um plano intersecretarial, é isso. A gente precisa estar fazendo a proposta, levando para a SMSUB, levando para a SMU, levando para outras secretarias, para poder estar consolidando isso. Por exemplo, nos bordos dos rios lá, a gente pretende fazer a proposta que a gente está fazendo. Já fizemos uma aqui, lá em Itaquera, está sendo consolidado lá, foi até o governo do estado que deu início à obra lá. Eles estão fazendo o parque linear que foi proposto por nós. Nós fizemos uma proposta de um parque linear, de um córrego lá, tem 16 quilômetros, esse córrego. É uma obra longa, uma obra que está recuperando o córrego, está recuperando os bordos do córrego, e nos bordos desse córrego, vai fazer lá um parque linear. Realmente, a operação é conjunta. A gente não consegue fazer isso sozinho, porque, em muitos desses ciclos, a gente está tentando fazer essa parceria com as outras secretarias. Então, falar em núcleo, eu não tenho como falar agora, eu posso falar? Não, porque está saindo agora, eu ainda não vi. Mas estão consolidando, me parece que, na meta, acho que são

mil quilômetros quadrados de calçada nessa meta que saiu aqui. Mas é isso, acho que não está parado não, só para você saber, não está parado mesmo. A gente está tentando planejar esse trabalho para poder estar apresentando ele posteriormente. Está aberto, hein? Se vocês quiserem fazer propostas de alguns livrares. Luiz Góes, será que a Luiz Góes não merecia fazer daquela ciclofaixa uma ciclovía? Estou chutando aqui, tá? Teve tanto problema para implantar Luiz Góes, se implantar Luiz Góes com uma ciclofaixa, talvez até com verba do vereador que tanto queria que não implantasse, se quiser continuar estacionando o veículo, não tem problema nenhum, a gente pode implementar com um pouco de verba para poder dar suporte e ajudar nesses projetos que a gente está propondo transformar a ciclofaixa em ciclovía. Tem aí uns caminhos que nós vamos percorrer para poder consolidar esse plano. Qual que é o outro que a gente tem para colocar aqui? O último da pauta que saiu aqui é a expansão do sistema de compartilhamento de bicicletas. Estou conversando aqui, isso é um assunto que está na secretaria, pessoa que está tratando esse assunto, eu não consegui tratar desse assunto do jeito que eu gostaria de ter tratado com ele, para poder esclarecer de fato, inclusive, do que está sendo desenvolvido. Mas o que eu sei e posso falar isso com certeza e tranquilidade, toda a expansão do sistema compartilhado de bicicletas ela depende, no caso aqui, da tendência que está participando, que tem as bicicletas e tudo que está sendo proposto. Eles constantemente estão expandindo, o ritmo que eu tenho visto está muito lento, realmente está muito lento, eu acho que isso deve melhorar à medida que se implanta mais redes cicloviárias, a gente propõe que essa expansão seja melhor, mas depende dessas empresas quererem colocar essas, neste momento, depende dessas empresas quererem expandir. Tem alguns locais, por exemplo, eu estou tentando colocar uma bicicleta compartilhada na Praça Elis Regina, que a gente tem recebido aqui, tem muita demanda ali, e que provavelmente realmente seria muito útil você compartilhar, tem uma área de compartilhamento ali na Praça Elis Regina. A gente vai recebendo as demandas, isso vai passando para CET, CET vai aprovando, é uma ação conjunta também, todo compartilhamento é SMT e SMSub, que tem lá o custo para a plantação dessas plataformas, é uma ação conjunta. Isso depende, realmente, dessas empresas que estão se implementando. É sempre feito uma análise de custo-benefício por eles lá. Quer dizer, o que a gente realmente gostaria que ocorresse é que lá na última milha, ou na primeira milha, tivesse esse compartilhamento facilitado, onde realmente as pessoas pudessem se deslocar, ter oportunidade num raio de 3, 4 quilômetros, você poder pegar uma bicicleta e ir até um terminal de ônibus, terminal de metrô, e deixar essa bicicleta e dar continuidade à viagem que está sendo feita. É um pouco o sonho que a gente tem também com a história do Bike SP, que essas viagens possam ser complementadas, que você possa, principalmente nos locais onde existe uma dificuldade de transporte, onde as pessoas possam utilizar esse meio de transporte e fazer o transbordo da sua viagem.

01:38:39 Allan: Olá, bom dia a todos. Dawton, muito obrigado. Eu queria saber se há outras conversas também com a Serttel. A Serttel é um outro *player* de bicicleta compartilhada. Se não me engano, não tenho certeza, mas a bicicleta compartilhada daqui de São Paulo, se não me engano, no passado já foi operada pela Serttel, não tenho certeza do que estou falando, mas eu sei que é um outro *player*, além desse que opera bicicletas compartilhadas. Eu desconheço se há outros *players* de bicicleta compartilhadas, mas seria interessante ter conversas, pelo menos com outros *players*, no intuito até de poder ampliar o uso da bicicleta compartilhada, ter mais acesso aos terminais de ônibus, trem, enfim, ter um plano, talvez, onde as empresas pudessem concorrer, talvez, inclusive entre elas, essa

praça que é muito importante, que é a Praça de São Paulo.

01:39:44 Dawton Roberto Batista Gaia: É, por isso que eu falei para você que eu não consegui ter a conversa que eu gostaria com uma pessoa responsável pela bicicleta compartilhada, porque eu sei que existem, realmente, outras empresas interessadas, que estão participando desse processo de compartilhamento, mas eu não tenho informação. Então, eu me proponho aqui, realmente, buscar essa informação e acho que é mais do que isso, acho que a gente precisa fazer uma proposta de compartilhamento, de locais de compartilhamento para essas empresas que estão aí, porque, até para poder atender umas demandas específicas de alguns locais. Na verdade, é isso, a gente precisa, de fato, saber as empresas que estão no mercado e se tem alguma outra, se tem alguma nova empresa que está inscrita, que está querendo entrar nesse processo. Realmente, fazer essa conversa, para poder melhorar essa, é mais um item, vamos colocar assim, de viagem, para poder fazer com que seja facilitado esse deslocamento na cidade de São Paulo. Eu vejo muito, isso tem acontecido muito em pequenas viagens, ele pega a bicicleta, anda dois, três quilômetros, quatro quilômetros e deixa em outro lugar, mas eu gostaria muito que isso fosse utilizado lá na primeira milha ou na última milha, que, realmente, seria um avanço significativo para esse transbordo e atendimento dessa necessidade no extremo da cidade, que eu preferir, porque eu acho que é o que a gente precisa, de fato, resolver com este modal, eu diria. Claro, tem o patinete, tem outras modalidades que podem estar servindo a essas viagens, atendendo essas viagens, mas é isso, acho que vou verificar se quem é que mais, me parece que, realmente, se até eu estava no processo, eu não sei como ficou essa história, e, posteriormente, eu passo para vocês, se eu tiver mais informação com relação a isso, eu passo para vocês. É isso, Michele. Vamos fazer uma atualização? Só para a gente atualizar nosso plano ciclovitário. Bom, está aí o lote 1, nós temos concluído, acho que não mudou nada da última reunião, nós passamos Augustinho Gomes, Antônio Carlos da Fonseca. Não, Antônio Carlos da Fonseca não estava concluído, foi concluído agora. Antônio Carlos da Fonseca, Dom Macario também foi concluído agora. Nossa Senhora da Saúde já estava concluído. O lote 2 é aquele lote que nós estamos fazendo o convênio novo, ele ainda não está pronto, nós temos um processo administrativo, passa pelos dois jurídicos para fazer o convênio, nós estamos nessa fase agora de fazer o convênio. O problema aqui não está no recurso, não está na estrutura, o problema é administrativo mesmo que nós estamos tratando aqui, porque teve troca de secretário lá na Cohab, teve troca de secretário na SMT também, então a gente está nesse processo administrativo que vai ser feito. Aqui, nessas estruturas propostas aqui, neste momento nós não temos problemas de recurso, nós temos problemas de fato de subir esse convênio e fazer a assinatura do convênio. Pode passar. Esse lote 5, eu acho que é o que mais está em obras agora, tem lá a Apucarana que está concluída, as Tarte, Carlos de Campos, o João Boêmio, o que nós estamos em obras agora é a Airton Pretini, Adhemar Pereira de Barros, é um peixinho pequenininho lá que está sendo feito, Adhemar que é pequenininha, Adhemar tem quase mil metros. A Salim Farah Maluf, que está entrando agora também, nesse momento está sendo feito a ponte Tatuapé lá, está sendo feito a Salim Farah Maluf. Capitão Pacheco Chaves, está em obras também, e a ponte do Tatuapé que vai ser o convênio da Salim.

01:46:02 Thomas Wang - Bike Zona Sul: Pergunta rápida, quando você fala Avenida Capitão Pacheco Chaves, é o viaduto?

01:46:06 Dawton Roberto Batista Gaia: É o viaduto.

01:46:07 Thomas Wang - Bike Zona Sul: Ah, tá, ótimo, eu tinha me perguntado dessa assinatura.

01:46:11 Dawton Roberto Batista Gaia: É o viaduto, é o viaduto e mais um complemento pequenininho que tem lá, depois do viaduto, para fazer a conexão. Esse também não mudou. Eu tinha a impressão de que a Conceição já entrou em obras. Bom, Maria Cândida foi concluída, a duras penas, não foi fácil a Maria Cândida, a José Maria Fernandes concluída também. Lote 9. Benjamim Mansur, Corifeu de Azevedo Marques, o segundo trecho da Corifeu nós vamos colocar na licitação agora, porque esgotou o recurso lá da Cohab, então nós vamos colocar agora nessa próxima concorrência. Adherbal Stresser, que já está concluída, a Asdrubal da Cunha está concluída também, e Vital Brasil já está concluída. Na PVP, não teve muitas obras agora, mas Lote 5. A Queiroz Filho está em obras também, só para a gente complementar. Então, já tem obras também para o Queiroz Filho. No lote 12, tem a Vigília concluída, Santa Inês está em obras, Maria Amália está em obras, está bem adiantada a Maria Amália, que a gente está construindo, fazendo obras, já implantando essa estrutura, e lá realmente a gente está com muita dificuldade, por conta do comerciante, pelas histórias que a gente sabe. À medida que eu vou construindo, já vou implantando a cicloviária. Você vê que é uma estrutura grande, são 4.700 metros da Maria Amália, e na Santa Inês 1.800, juntas dão 5, 6,5, 6,600, não, 6,500. Antônio César já foi concluída, está em obras também aqui a Benjamin Pereira, que também é uma estrutura significativa, 1.600 metros, concluída a Manuel Gaia, tivemos bastante pressão para ser retirada essa Manuel Gaia também, José Parado está concluído, e a Eduarda Azevedo também está concluída. Bom, só para a gente, quando ela passa, está aqui, ó, implantados, concluídos, 26 quilômetros, 26,487 metros, e em obras temos 15,890, quase 15,900. Isso nós estamos falando da PPP, que já está em obra, e isso, o que a gente fala em obra na PPP, exceto essas que têm extensão muito grande, de 4 mil, 4 mil metros, essas vias não passam de dois meses para concluir e implantar a sinalização. Nos próximos dois meses, nós vamos ter mais quase 16 quilômetros implementados aqui, só através da PPP.

01:51:17 Aline Pellegrini Matheus: Eu vi os lotes. Esses lotes são todos da PPP da Habitação, está faltando muito para que saia na ordem numérica, queria saber o que são esses lotes, talvez não sejam estruturas planejadas. Eu queria saber dos lotes, os lotes da PPP da Habitação, está faltando alguns na lista, 3, 4, 6, 8, esses lotes.

01:52:14 SMT-AT – Pradas: Eu estava ouvindo direitinho. Eu acho que ela quer saber o seguinte, está faltando os lotes, está faltando os lotes, tem número de lotes que não está ainda. São os lotes que a Cohab não deu autorização, é isso.

01:52:28 Dawton Roberto Batista Gaia: É, os lotes, só para você entender o processo, Aline, esse lote, ele é contratado pela Cohab. Eles fazem o projeto da edificação. A partir do momento que o projeto da edificação é aprovado, e o recurso é aprovado para fazer essa edificação, então, existe um percentual que nós podemos utilizar para implementar nossa rede cicloviária. Ela pode implementar também escolas e hospitais através desse recurso. Os outros lotes vão entrar, eles estão previstos, eu já estou tratando disso, está subindo o lote 2, vai subir o lote 4, vai subir o lote 6 e vai subir o lote 8. Se

não me falha a memória, o lote 8, inclusive, é na Zona Sul.

01:53:36 Aline Pellegrini Matheus: É possível a gente saber quais são as vias desses lotes e outra pergunta que eu tenho é se para algumas dessas vias ainda vai ter audiência pública, é isso? Tipo, da ciclovia da Bandeirantes e outras.

01:53:55 Dawton Roberto Batista Gaia: Não, essas não. Todas as vias que estão sendo colocadas na PPP já passaram por audiência pública, todas elas. Esse é um exercício que nós estamos fazendo para não ter esse problema.

01:54:11 Aline Pellegrini Matheus: É que eu lembro de reuniões passadas que até a execução da ciclovia da Bandeirantes saiu de um contrato de uma empresa e que a gente estava falando e vocês falaram que ela ia passar por audiência pública novamente.

01:54:27 Dawton Roberto Batista Gaia: Não, não foi isso não, desculpa. Então, se você entendeu, é diferente. O que aconteceu é que o lote que estava a Bandeirantes, ela estava num lote na Zona Leste. A justificativa que tinha para implementar a Bandeirantes com esse lote da Zona Leste, ela estava, embora tenha sido aceito pela própria Cohab, não teve problema nenhum, passando pelo jurídico, como subiu de nível, vamos dizer assim, mudou de etapa o lote 2, e o lote 2 fica aqui no Ipiranga, muito mais próximo da Avenida dos Bandeirantes. Nós colocamos lá no lote que estava a Bandeirantes, colocamos outras vias que tinham lá o recurso, nós colocamos outras vias naquele lote e colocamos a Bandeirantes no lote 2. Veja que o lote 2 terminou ficando com quase 25 quilômetros, porque o recurso disponível neste lote 2, ele é significativo. Foi só uma mudança de, só uma estratégia mesmo, uma mudança de lote, mas não tem nada a ver com audiência pública não, foi mudança de lote mesmo, é por conta da justificativa, da distância geométrica do empreendimento.

01:55:58 Aline Pellegrini Matheus: Esses outros lotes que ainda vão ser aprovados, a gente não tem como saber quais são as vias?

01:56:04 Dawton Roberto Batista Gaia: Tem, e é isso que eu estou fazendo agora, estou selecionando, ainda não selecionei. A gente seleciona as vias junto com a CET, e podemos passar para vocês, não tem problema nenhum, a gente pode até colocar, disponibilizar para vocês, quando a gente tiver com isso consolidado, isso não tem problema, a gente passa para vocês. Eu só preciso dar esse encaminhamento junto com a CET, e consolidar, vamos colocar assim, a CET. A gente passa para vocês, sem problema, tá bom? Bom, continuam as vistorias nossas, da empresa contratada lá, chegou a 580 quilômetros, os emitidas, 1118 quilômetros. É isso aqui mesmo. São dois contratos.

01:58:29 Michele Perea Cavinato: Ah, é o primeiro contrato, 118,2. Pois, pelo contrato, pelo segundo contrato, quase seis quilômetros já emitidos. Vamos lá, manutenção iniciada, 10,7 quilômetros, 10,8 no contrato 1, 3,5 no segundo contrato. Manutenção concluída, 94 quilômetros no primeiro contrato e 2,5 no segundo. Ordens de serviço emitidas, mas ainda não iniciadas, 4 quilômetros. As suspensas estão carregando esse número desde o comecinho, 9,3. Tomara que as fotos estejam aqui, estavam tão bonitas.

01:59:10 Dawton Roberto Batista Gaia: Só para vocês entenderem, o contrato foi renovado. A Administração permite, o contrato foi renovado. Opa, acho que vai subir a foto. E é isso, chegamos a 94 quilômetros de rede cicloviária que foi feita a manutenção. E olha, não é por nada não, as pessoas falam, mas eu sinto bastante orgulho na qualidade da manutenção que a gente tem feito na cidade de São Paulo. Esse projeto de manutenção, a gente está realmente fazendo o que tem que ser feito. Aqui, 21 de Abril. Essa 21 de Abril, estava acho que uns 10 anos que não tinha manutenção nesse trecho da 21 de Abril. Abel Tavares. Abel Tavares, vou te dizer, Lucian, que você falou que não teve alargamento. Quase todas elas tiveram, o nosso contrato. Só para você entender. A Agostinho Cantu foi pouquinho, mas foram alargadas. Nenhuma delas manteve a mesma largura, acho que pouquíssimas mantiveram a mesma largura. Só que realmente tinha restrição de capacidade. Agostinho Cantu ficou maravilhoso lá, fui lá ver pessoalmente, isso aqui realmente ficou muito bom. A Maria Lima está sendo feita, a Maria Lima está dando bastante trabalho para a gente. Vocês entram nas redes sociais lá e reclamaram bastante do formato que estava sendo feito lá a manutenção. A gente está fazendo esses desvios agora, e atendendo o que foi solicitado por vocês. Veja a qualidade do que está sendo feito na própria Maria Lima. Tem trecho que já está pronto, tem trecho que a gente vai aprontando, vai deixando pronto e vai já sinalizando. Lago do Arouche foi implantado essa semana. Até no finalzinho do Lago do Arouche falta pouquinho coisa para poder implementar, tem alguns apagamentos que não foram feitos ainda, mas eu diria que está 95% implantado lá na Arouche. Martiniano de Carvalho, finalmente foi implantado. Vocês lembram que a proposta da Martiniano e Carvalho era implantar a 13 de maio para desativar. Lá no passado era isso. Implantar a 13 de Maio para poder desimplantar, para poder liberar a Martiniano de Carvalho. Então, nós conseguimos manter a Martiniano de Carvalho, acabamos de fazer a manutenção dela completa, mudou lá, do lado do último trecho, aquele trecho da igreja, que realmente estava dando bastante problema para a gente com relação às reclamações que chegavam constantemente, mas finalmente ela está concluída e recuperada do jeito que tinha que ser recuperada. Torre de Oliveira.

02:03:16 Thomas Wang - Bike Zona Sul: Pergunta. Martiniano de Carvalho, o que vocês fizeram no final dela?

02:03:21 Dawton Roberto Batista Gaia: Lembra que tinha um problema? Lembra que tinha lá na frente da igreja, que o nosso problema, tinha os casamentos, toda vez que tinha casamento, todo mundo ocupava aquela ciclofaixa e virava sábado, domingo e feriado, em todos os casamentos ficava tudo ocupado com os carros das doidas lá. Então, nós mudamos de lado. Isso foi implantado novamente, pegou aquela quadra inteira e mudou o lado. Ficou bom. Eu fui lá ver, realmente ficou muito bom. Realmente ficou muito. Mas o mais importante é que nós recuperamos a Martiniano de Carvalho. O mais importante é que agora nós vamos melhorar também a 13 de maio. Vamos ver. A 13 de Maio tem alguns problemas que a gente precisa resolver e nós estamos debruçados sobre esse problema da 13 de Maio. Essa é a Torres de Oliveira. Está aí, realmente. A qualidade dessa manutenção realmente está sendo muito boa. Vila Carrão. Vila Carrão era, eu acho, uma das que vocês reclamaram muito. Eu acho que era uma das vias que estavam na lista lá, que vocês falavam que tinham desaparecido, que não tinha... que não ia ter mais, né? Daquela listagem que vocês estavam falando, ah, essa via aqui não existe mais, ficou via lá. Finalmente conseguimos recuperar a Vila

Carrão. Faltam os tachões aqui, mas está indo. Está aí, a manutenção finalizada. Eu não vou ler a lista, porque a lista é enorme. A gente pode passar para vocês, depois vocês podem verificar o que foi finalizado já. Mas o contrato 1 foi finalizado em 94 quilômetros, 181 metros ainda. O contrato 2, que acabou de ser assinado e renovado, e esse é o compromisso dessa gestão, de ter um contrato de manutenção de redes com a via permanente, está aí renovado, já tem dois quilômetros e meio, praticamente, que já foi sinalizado. Tem as obras do contrato 1, que está em andamento ainda, que tem 10 quilômetros em andamento, porque estão fazendo obras, então tem muita obra de concreto, que é a história, por exemplo, da Faria Lima, que a Faria Lima é enorme. Lá nós estamos com uma fiscalização bastante severa para que a obra seja feita numa qualidade que nunca teve lá. Então, eu acho que o resultado disso vai ser muito bom para todo mundo. Eu estou apertando ele para que eles façam isso o mais rápido possível. Parte dessas obras estão em andamento, estão nesses 10 quilômetros. No contrato 2, tem três quilômetros e meio em andamento. Eu acho que foi feito sim em Moema, viu, Renan? Acho que em Ambiquaras, se me falha a memória. Mas nós vamos resolver. Aqui foi parte pelo recapeamento, parte pelo nosso contrato, porque às vezes o recapeamento não faz tudo e a gente termina fazendo o comprimento. Então, é isso. Mas vai ser completado, com toda certeza, não vai ficar nada sem ser refeito. E pode nos avisar se tiver alguma coisa que faltou, estamos super abertos para vocês poderem até reclamar mesmo, e a gente vai atrás para poder resolver a demanda. Bom, é isso. As que foram emitidas e não iniciadas. Tem Nazaré, Figueira, Rangel, Manoel da Nóbrega e São Miguel. São uns trechinhos que nós emitimos nas horas de serviço, aí elas não foram iniciadas.

02:08:59 Aline Pellegrini Matheus: Só um complemento sobre a Haberbeck Brandão. O trecho dela, até chegar na praça, não foi feito nada, nada, nada, nada, que era ali o viaduto da Roberta, está tudo estragado. Não tem pintura, tem algum trecho que tem um tachão, tem um buraco, tem um monte de coisa que precisa ser feito. Só para alcançar. Eu passei ontem lá, inclusive.

02:09:35 Dawton Roberto Batista Gaia: Bom, tudo bem. Eu vou dar uma olhada. Não sei se ele faz parte do mesmo projeto, mas eu vou dar uma olhada e depois a gente dá um retorno. Eu não estou lembrando de ter visto esse trecho no projeto. Mas a gente dá um retorno. Bom, gente, eu acho que é isso. Queria, mais uma vez, agradecer a vocês pela paciência e compreensão. A gente está aí andando devagar. Não paramos. Está devagar a nossa implantação, a nossa implementação da rede cicloviária, com certeza. Mas o mais importante é que nós não paramos e vai dar continuidade. Eu concordo com o George que foi muito pouco implantado. Nós estamos debruçados nesse desafio de implantar tudo que for realmente importante e necessário. Eu acho que o termo é o compromisso que nós tivemos, que ele continua validado e nós vamos dar continuidade. É isso. Então, o compromisso é nosso e é verdadeiro. Não abrimos mão desse compromisso.

02:11:16 George Queiroz: Se me permite. Acabou a gente falando aqui um assunto que, obviamente, não entrou na pauta porque acabou de ser publicado que foi o plano de metas. Não teve como ser pautado antes porque a gente não tinha conhecimento, não tinha sido publicado. Mas, enquanto estava rolando o avião, tive o trabalho aqui de baixar o plano e deixar registrado. Existem mais ou menos 15 metas, 14 metas, ligadas a obras rodoviárias. Ponte, viaduto, duplicação etc. São várias avenidas e pontes aqui. Essas obras têm um marco legislativo aprovado de que todo esse tipo de obra, duplicação, novas pontes, novas ruas, vão ter estrutura cicloviária. Estou colocando isso porque já

estão colocadas as obras que não foram feitas. A gente precisa falar desde já porque, quando chega na obra, vai falar que não teve espaço, veja bem, vamos colocar na rua paralela, não deu, como a gente ouviu na Avenida Santo Amaro, por exemplo, não teve espaço, puxa vida, já está pronto o projeto. São 14 obras aqui, pelo menos 13, 14, e fica a dica para que as pessoas responsáveis pela gestão cicloviária se comuniquem com as pessoas que estão tocando esses projetos de obra desde já, para a gente não ter esse tipo de surpresa em 2025, 2026, 2027, 2028, com obras onde foi esquecido, o ciclista fica com esse “na volta eu compro”, já está em plano de metas. Então, estou imaginando que a gente tenha isso aí, o cumprimento da lei. A gente pede somente o cumprimento da lei, lei a gente não escolhe se obedece ou não, a gente obedece. É isso, só porque é uma coisa que eu não tinha como pautar antes, eu vi que é uma coisa de hoje, e, de repente, a gente ir pautando ao longo dos trabalhos, nos próximos meses e anos, o acompanhamento dessas obras rodoviárias para que a gente tenha a estrutura, que eu imagino que isso não precisa ter necessariamente, passar pelo mesmo rito, porque o rito da obra já é um rito próprio, de posição de ponte, de um viaduto etc. Mas é necessário o rito ao ciclista. Obrigado.

02:13:58 Dawton Roberto Batista Gaia: Obrigado você. É muito bem lembrado. A gente não mede esforços em todas essas obras que estão sendo propostas, aqui da nossa parte da Secretaria, desse grupo que faz parte do CMTT aqui pela Secretaria, com certeza nós não medimos esforço aqui, a questão da legislação é clara, e a gente vai sempre cobrar a legislação. Acho que o mais importante do que cobrar a implementação dessas redes rodoviárias nessas novas obras é a qualidade dessa obra que ela tem que ser feita. Acho que não basta simplesmente colocar mais uma ciclovia lá, mas a qualidade da ciclovia que está sendo colocada em todos esses projetos que estão sendo complementados. Eu, por exemplo, nesse momento, eu estou debruçado sobre a questão da Santo Amaro. Só para a gente fechar aqui a nossa reunião, mas eu estou debruçado sobre a questão da Santo Amaro. A Santo Amaro não vai ter ciclovia lá na própria avenida, nós já falamos bastante sobre isso, mas faremos ela nas vias paralelas. Não é uma paralela exatamente, mas nós temos uma rede cicloviária, estamos fechando agora com a CET, esse complemento. Estou já conversando com o SP Obras com relação a esse complemento e com toda certeza será complementado lá naquele entorno, toda a rede cicloviária que nós estamos fechando aqui com a CET. É isso.

02:15:38 George Queiroz: Dawton, desculpe, só um que eu esqueci de falar também. Toda vez que tem um monte de ponte, um monte de coisa, a gente tem que voltar a ter o cuidado com os começos e os fins, a integração com a rede, para não acontecer de novo o que aconteceu na Rua Butantã. Eu espero que a gente tenha uma resposta rápida em relação à Rua Butantã, mas que isso não aconteça de novo, não aconteça aquele desenho esquisito de novo. Não basta apenas fazer uma ponte e colocar a sua faixa de ponte e ficar ali na praia.

02:16:10 Dawton Roberto Batista Gaia: Estou participando pessoalmente dessas propostas para que isso não ocorra novamente. Realmente, a gente está buscando não cair mais esse problema.

02:16:20 Thomas Wang - Bike Zona Sul: É uma pergunta rápida. Arrumaram o cruzamento da Peregrini com a Santo Amaro ou ainda está aquela zona ali? Porque ficaram de responder ali, mudar os cones, mas até onde eu sei, mas não mudaram. Pelo menos eu não passei essa semana ainda.

Semana passada, ainda estavam jogando ciclista no meio da pista ali.

02:16:46 Dawton Roberto Batista Gaia: Eu não vou ter como te responder, porque eu não vi. Realmente, se eu não vi, preciso dar uma olhada. Prometo que eu peço para dar uma olhada essa semana ainda e te dar um retorno. Tá bom? Desculpa, realmente, não consegui. Bom, gente, muito obrigado mais uma vez pela presença de todos vocês, pela participação de todos vocês e bom dia a todos. Até a próxima. Bom dia a todos. Estou complementando as fotos, não sei o que aconteceu aqui, mas eu mando agora a tarde para vocês.